

Editorial

Um pequeno livro publicado em 1690, e depois, em uma 2ª edição ampliada e ligeiramente corrigida em 1692, *Historia de las Mujeres Filósofas*¹ teve recente publicação em Barcelona, em 2009, numa edição primorosa. Seu autor, Gilles Ménage, francês, nascido em 1613, era lexicógrafo, gramático e latinista. De que trata sua obra? Ménage nos oferece uma espécie de enciclopédia com mais de 60 nomes de filósofas que viveram entre os séculos XII a.C. e XIV d.C. O curioso e atraente nessa obra é que revela algo que livros de História da Filosofia ignoram: houve, sim, mulheres filósofas na Antiguidade, ainda que seus nomes não constem em currículos escolares ou em livros de referência da área. O próprio Ménage fala, no prefácio de seu livro, de sua surpresa pela ausência de referências a mulheres filósofas em obras de escritores de renome. Na introdução à tradução inglesa, Beatrice Zedler nota que o autor

deseja mostrar que, de fato, não houve falta de mulheres filósofas, mas uma falta em nosso conhecimento sobre elas². Umberto Eco, ao comentar a tradução da obra para o francês, afirma: No es que no hayan existido mujeres que filosofaran. Es que los filósofos han preferido olvidarlas, tal vez después de haberse apropiado de sus ideas.³

Como o demonstra Lynda George, não apenas esquecidas, as mulheres filósofas tiveram mesmo negada sua existência⁴. Foi o que aconteceu com Diotima. A partir do século XV, Diotima passou a ser considerada personagem de ficção, apesar de haver suficientes evidências históricas de que foi uma mulher, filósofa, real, que influenciou Platão.⁵ Em outras áreas, outras mulheres sofreram processo semelhante: a Papisa Joana, sobre cuja existência real até hoje pairam dúvidas, e Trotula de Ruggiero, médica e cientista de prestígio, cujo nome foi mudado para o masculino, Trotus, passando à história como homem.⁶ O *esquecimento* das mulheres, sua ausência nos relatos históricos é persistente. Michelle Perrot, em obra recente, o indica desde o título: *As Mulheres ou os silêncios da História*.⁷ É como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo. Lemos logo na Introdução:

¹ G.MÉNAGE. *Historia de las Mujeres Filósofas*, p.45.

² L.GEORGE. Gender Equity, p.5.

³ R.R.GATEL. Introducción, p.12.

⁴ L.GEORGE, Lynda. Gender Equity.

⁵ Ibid.

⁶ Sobre a Papisa Joana, entre muitos outros, pode-se ler: A.BOUREAU. *La Papesse Jeanne* e R. e D.PARDOE. *A Papisa Joana: o mistério da mulher Papa*. Sobre Trotula, cf. A.VALERIO. *La questione femminile nei secoli X-XII*, pp.43-44.

⁷ M.PERROT. *As Mulheres ou os silêncios da História*.

No início era o Verbo, mas o Verbo era Deus, e Homem. O silêncio é o comum das mulheres. Ele convém à sua posição secundária e subordinada. [...] O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento. ⁸

Em livro anterior, a autora interroga: *Une histoire des femmes, est-elle possible?*⁹ E, no Brasil, escrevem as/os organizadoras/os do *Dicionário Mulheres do Brasil – De 1500 até a atualidade. Constatamos, enfim, que a história das mulheres é uma história recente e que se ressentem de um passado mal contado.*¹⁰ Há alguns anos, propusemos a um editor brasileiro o título: *Mulheres sem História* para nomear um artigo sobre religiosas no Brasil. Ele não o aceitou, argumentando ser impossível publicar um livro de História em que se afirmasse a ausência de História. É verdade que historiadores como Riolando Azzi ocupam-se da história das congregações religiosas femininas em nosso país há vários anos. E ultimamente tem havido pesquisas, dissertações e teses sobre as freiras. Ainda assim, é pouco o que se sabe sobre essas mulheres.

Ana María Bidegaín, historiadora colombiana radicada nos Estados Unidos, cujo texto abre esta coletânea, fala da ausência de registros históricos sobre a vida das religiosas. Os outros artigos que compõem esta publicação têm em comum a unanimidade em relação ao diminuto número de pesquisas a respeito da vida religiosa conventual católica. Daí pensarmos que interrogar esse silêncio e tentar preencher essa lacuna com pesquisas e reflexões sobre mulheres dedicadas integralmente à religião constituiriam um intento de colaborar para o preenchimento desse vazio, bem como um estímulo a pesquisas futuras.

Perrot lembra que durante um longo período histórico as mulheres foram mais imaginadas do que descritas ou contadas. E fazer a sua história é, antes de tudo, inevitavelmente, chocar-se contra este bloco de representações que as cobre e que é preciso necessariamente analisar, para saber como elas mesmas se viam e viviam. No caso das religiosas católicas, em particular daquelas enclausuradas, no passado ou no presente, não é difícil *imaginar* o quanto se especulou sobre a vida dessas mulheres que se negam a seguir a trilha comum a que são destinadas as mulheres: o casamento e a maternidade.

Este número da *REVER* desvenda algumas dessas representações ao ouvir as próprias religiosas falando de suas experiências de vida e de seu cotidiano. Será assim possível reconhecê-las não apenas como mulheres submissas aos ditames de suas instituições religiosas, mas também como atoras sociais e agentes de sua história, resistentes às tentativas de controle e subordinação. A mesma história, aliás, quando se buscam fontes com a perspicácia do olhar que perscruta os não ditos e não contados, nos revela o quão engenhosas são essas mulheres em suas formas de resistir e de não se

⁸ Ibid. p.9.

⁹ M.PERROT, Michelle (Org.). *Une Histoire des Femmes est-elle Possible?*

¹⁰ S.SCHUMACHER e É.V. do BRAZIL, Érico Vital, do. *Dicionário Mulheres do Brasil*, p.10.

submeter. Na América Latina, já no século XVII, no México, o exemplo maior é Sor Juana Inés de la Cruz. Ousada, independente e de inteligência brilhante, discute com autoridades religiosas, rebela-se contra a interdição dos estudos para as mulheres e ironiza escritos misóginos. Condenada a não mais escrever, morre, silenciada pelos homens da Igreja¹¹.

Outros estudos históricos como o de Joyce Salisbury ou o de Adriana Valerio para o Mezzogiorno italiano, na Idade Média, entre tantos outros, mostram como, em períodos distantes, mulheres piedosas reivindicavam autonomia na condução de suas vidas e participação nos destinos da Igreja e da sociedade de seu tempo¹². Em seu original *Padres da Igreja, virgens independentes*, Joyce Salisbury conta-nos uma série de histórias interessantes sobre mulheres dos primeiros séculos do Cristianismo. A primeira delas diz respeito a Ecdícia, que viveu no século IV da era cristã e foi, portanto, contemporânea de Agostinho, depois declarado santo pela igreja Católica. Casada, num arroubo de piedade, ela propôs ao marido viverem piedosa e castamente seu matrimônio, dispensando a união carnal. Ele concordou relutantemente e acabou por arranjar uma amante. A situação delicada gerou uma carta de Ecdícia ao seu Bispo, Agostinho, queixando-se da atitude do marido. A resposta deste, porém, decepcionou-a, pois atribuía à própria Ecdícia o comportamento repreensível do marido, considerando que ela havia extrapolado sua proposta de viver castamente. A forte reprimenda de Agostinho baseava-se no fato de Ecdícia usar sua castidade para evitar as responsabilidades femininas tradicionais. Ela acreditava que, renunciando à obrigação do matrimônio e assumindo o controle de seu próprio corpo, também podia controlar outros aspectos de sua vida. Assim, presumiu que seu voto de castidade liberava-a de outros deveres de esposa, notoriamente o de obediência ao marido. Sem consultá-lo, ela doou grande parte de sua propriedade a dois monges errantes, o que o deixou furioso.

Também passou a vestir-se como viúva, ainda que o marido estivesse vivo. Segundo Salisbury, essa visão da castidade matrimonial, bem como a da assunção voluntária da virgindade, como libertadora para as mulheres, era comum entre cristãs dos primeiros séculos. Porém, Agostinho e o marido de Ecdícia não estavam de acordo com ela. Consideravam que sua renúncia ao exercício do sexo não a eximia das obrigações femininas, da subordinação. Assim, a tradição ascética assumia diferentes formas para homens e mulheres, em detrimento destas. O discurso de Agostinho sobre o amor libertador não teria tido o mesmo efeito para cristãs e cristãos de sua época. Uma outra história é a que nos conta Adriana Valerio, mostrando o poder das abadessas entre os séculos X e XIII no sul da Itália. Chamam especialmente a atenção

¹¹ O.PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la fe.*

¹² A.VALÉRIO. *La questione femminile nei secoli X-XII*; J.E. SALISBURY. *Padres de la Iglesia, vírgenes independientes.*

os Mosteiros de Conversano e de Goletto, cujas histórias estão sendo recuperadas, depois de terem negadas sua força e resistência de séculos.

Essa longa e histórica situação de esquecimento e silêncio, de subordinação e resistência evocada de maneira talvez excessiva para uma apresentação, quer indicar a importância da presente publicação. Insere-se esta nesse recontar histórias e pesquisar a vida de mulheres devotadas à religião, no presente, como no passado.

Iniciamos com o artigo de Ana Maria Bidegain intitulado *Una historia silenciada, no reconocida, ignorada, ocultada, invisibilizada: La vida religiosa femenina en la historia brasileña e hispanoamericana*. Este procura mostrar, na longa duração, como funciona o patriarcado e como as mulheres se posicionam diante dele. Cinco séculos são analisados, o que explica suas proporções em relação aos demais artigos.

O artigo centra-se nas congregações que exercem uma ação social e pastoral. Depois de percorrer a larga história das mulheres consagradas a essa vida na América Latina, a autora chega ao século XX e salienta as mudanças que o Concílio Vaticano II trouxe para a Igreja e para a vida religiosa feminina, seguido, no entanto de um processo de contrarreforma em que tensões e conflitos internos exacerbam-se.

O texto seguinte, intitulado *Liberdade em clausura*, de autoria de Miriam Verri Garcia e Maria José Rosado, inicia-se com a indagação sobre o silêncio das pesquisas acadêmicas em relação à vida religiosa contemplativa para, em seguida, levar leitoras e leitores para o interior de um mosteiro carmelita a fim de que possamos nos aproximar mais do cotidiano aí vivido. Conhecemos a arquitetura, as regras e o acesso que pessoas de fora podem ter a essas religiosas. Os muros, simbólicos e reais, não parecem impedir que novas formas de sociabilidade feminina adentrem a clausura. Isso se expressa pela organização dos mosteiros brasileiros em uma associação. Entretanto, o Carmelo analisado na pesquisa de que trata o artigo não participa dessa associação, o que indica seu caráter conservador. No correr do texto, as análises de alguns elementos específicos à vida religiosa em clausura demonstram a manutenção de estruturas sexistas no interior da Igreja Católica.

Na mesma linha, em *Trajetórias e passagens na vida religiosa feminina*, Martina M. E. González Garcia indica que há ainda muitos desafios para se recriar as relações de gênero na Vida Religiosa. Segundo a autora, a renovação realizada após o Concílio Vaticano II legitimou alguns dos valores modernos na VR. Evidencia tensões, ambiguidades e contradições no modo de vida contemporâneo, apontando para a necessidade de pesquisas sobre as novas gerações que entram para os conventos. A pesquisa realizada com religiosas indica, em relação às questões de gênero, avanços e dificuldades para integrar os questionamentos que a adoção dessa perspectiva de análise implica.

Silvia Regina Alves Fernandes apresenta uma reflexão instigante a respeito dessas questões no texto *Novas comunidades religiosas e o feminino – mudanças em curso e retraditionalização*, discutindo gênero e modernidade a partir da análise do caso da Toca de Assis e mobilizando o conceito da racionalização do carisma em Weber.

Pautada em metodologia qualitativa, com entrevistas e análises de textos dos grupos de controle, a autora contrapõem narrativas franciscanas clássicas e as narrativas da Toca de Assis indicando importantes dilemas *intragênero* que demonstram um remodelamento da religião e da forma como é vivida na modernidade.

Em *Autoexame das mamas entre freiras: o "toque" que falta*, Claudia Aparecida Aguiar de Araújo se debruça sobre o estudo de instituições religiosas da diocese de Taubaté, com religiosas de vida ativa e contemplativa. Indaga as relações das *religiosas* com o corpo e a sexualidade para explorar a questão do autoexame. A autora trabalha as formas pelas quais o corpo é visto socialmente e adentra a vida religiosa para explicar de que forma o corpo é aí tratado. Os votos religiosos aparecem como um aspecto do impedimento de um contato mais próximo com o próprio corpo. A negação ou difamação do corpo nas referências das religiosas indica a necessidade da inserção crítica e consciente da teologia nos assuntos relacionados à corporeidade.

Finalmente, o texto *Os Meandros dos processos de conversão. Trajetórias de dois judeus convertidos ao Catolicismo no século XIX*, de Angela Xavier de Brito que, apesar de não versar especificamente sobre a vida religiosa feminina, enfoca as trajetórias e processos de conversão de dois judeus, Théodore Ratisbonne e Jacob Libermann, e lança luzes sobre a história da vida religiosa feminina na medida em que convertidos anseiam também por converter. Se um deles converte parte da família e discute com uma das irmãs sobre sua escolha na entrada em determinada congregação, o outro não logra de imediato desenvolver a congregação que almejava fundar, formada por homens. Ambas as congregações, entretanto, são dedicadas à Maria, expressão do tempo em que viveram, conforme afirma a autora. Suas trajetórias revelam, também, como se relacionavam com as mulheres, já que parte considerável de congregações femininas era, inicialmente, coordenada por um homem.

Com estes textos queremos contribuir para tornar visíveis essas mulheres, suas vidas e suas histórias. Esperamos assim, que o interesse acadêmico por conhecê-las instigue pesquisadoras/os, que, juntando-se a quanto se tem publicado sobre elas, desvendem esse mundo e construam novas interrogações sobre o que se passa por trás dos muros conventuais, reais ou imaginários.

Referências Bibliográficas

BOUREAU, Alain. *La Papesse Jeanne*. Paris: Aubier, 1988

GATELL, Rosa Rius. Introducción. MÉNAGE, Gilles (edit). *Historia de las Mujeres Filósofas*. Barcelona: Herder editorial, 2009.

GEORGE, Lynda, Gender Equity. In: *Search of Diotima's Place With the Ancient Philosophers, Forum on Public Policy*, 2006. Online: <http://forumonpublicpolicy.com/archivesum07/george.pdf>

MÉNAGE, Gilles. *Historia de las Mujeres Filósofas*. Barcelona: Herder editorial, 2009.

PARDOE, Rosemary e Darroll. *A Papisa Joana: o mistério da mulher Papa – A primeira documentação completa sobre os fatos por trás da lenda*. São Paulo: IBRASA, 1990

PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la fe*. Barcelona: Editorial Sexi Barral, 1988.

PERROT, Michelle (Org.). *Une Histoire des Femmes est-elle Possible?* Paris: Rivages, 1984.

PERROT, Michelle. *As Mulheres ou os silêncios da História*. Bauru, SP, EDUSC, 2005.

SCHUMAHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital, do. *Dicionário Mulheres do Brasil – De 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

VALERIO, Adriana. *La questione femminile nei secoli X-XII*. Napoli, M. D'auria Editore, 1983.

Maria José Rosado*
Paula Leonardi**

* Doutora pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris; docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, na PUC/SP; pesquisadora do CNPq. E-mail: mjrosado@uol.com.br.

** Doutora em Educação, professora na Universidade São Francisco - São Paulo. E-mail: leonardi.paula@gmail.com